



Surdocegueira: relato de experiência de interpretação no ambiente acadêmico³⁴

Sordoceguera: narrativa de experiencia de interpretación en el ambiente académico

Karine Rocha³⁵

RESUMO

A interpretação para pessoas surdocegas ou surdas com baixa visão é bastante diferenciada, assim como as estratégias educacionais. Neste artigo vamos trazer os desafios de interpretação vivenciados nos últimos meses no Instituto Nacional de Educação de Surdos e algumas estratégias educacionais que estamos desenvolvendo para garantir a participação de um dos alunos do curso de Pedagogia do INES. O foco do trabalho de interpretação é a Libras Tátil em sala de aula junto aos professores que ministram as seis disciplinas para uma turma com alunos surdos e ouvintes. Dentre

RESUMEN

La interpretación para personas sordociegas o sordas con baja visión es muy diferente, así como las estrategias educativas. En este debate vamos a traer a los retos de interpretación vivenciado sen los últimos meses en el Instituto Nacional de Educación de Sordos y algunas estrategias educativas, las que estamos desarrollando para asegurar la participación de uno de los estudiantes del curso de Pedagogía del INES. El enfoque del trabajo de interpretación es la Libras tátil en el salón de clases juntamente con los profesores que enseñan las seis

³⁴ Tema apresentado no Fórum Permanente de Educação, Linguagem e Surdez, em 12 de maio de 2015, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro.

³⁵ Graduada Pedagogia Bilíngue Libras/Português, INES. Tradutora e Intérprete no DESU/INES. kakarochoa51@hotmail.com

as alterações necessárias estão as dinâmicas já desenvolvidas na interpretação em sala de aula com alunos surdos, estabelecendo mais uma dupla para guia-interpretação e para o tempo de troca na interpretação, material de apoio como lupa ampliada, caneta de ponta porosa, caderno com pauta dupla, livros e textos em Braille. As questões que surgiram e continuam a surgir na prática cotidiana representam novos pensamentos e caminhos na nossa relação com a educação e a surdez; outro olhar sobre diferença.

Palavras-chave:

Educação. Surdocegueira. Guia-
interpretação. Libras Tátil.

asignaturas para una clase con estudiantes sordos y oyentes. Entre los cambios necesarios están las dinámicas establecidas en la interpretación en el aula con los estudiantes sordos, estableciendo otro doble para la función de guía-intérprete y el tempo de cambio en la interpretación, el material de apoyo, como lupa, bolígrafo especial, cuadernos con espacios amplios entre sus líneas y libros y textos en Braille. Los problemas que han surgido y siguen surgiendo en la práctica cotidiana representan nuevos pensamientos y caminos en nuestra relación con la educación y la sordera; otra mirada acerca de la diferencia.

Palabras Clave:

Educación. Sordoceguera. Guia-
interpretación. Libras Tátil.

[...] fazer com que elas “saíam de si” para as relações com o meio de maneira a melhorar a qualidade de interações com pessoas e objetos ao seu redor, tendo em vista a sua “autonomia” (GOMES, 2006).

ENCONTROS E DESCOBERTAS

A interpretação em Libras na educação é uma experiência já significativa no INES, mas a interpretação para alunos com surdocegueira é bastante diferenciada e muito recente no instituto. Neste artigo, vamos trazer os desafios de interpretação vivenciados nos últimos

meses e algumas estratégias educacionais que estamos desenvolvendo para garantir a participação de um dos alunos do curso de Pedagogia do INES.

A entrada do primeiro aluno surdo com baixa visão no Departamento de Ensino Superior (DESU/INES) foi percebida por nós como uma oportunidade motivadora para exercer um trabalho diferente e que nunca havia sido feito anteriormente no DESU: a guia-interpretação.

Trata-se de uma atividade intrigante e motivadora, por meio da qual podemos passar as informações de forma traduzida (no caso do aluno em questão) com a Libras Tátil, um dos meios de comunicação que pode ser utilizado com as pessoas surdocegas ou de baixa visão.

Existem diversos tipos de comunicação que podem ser utilizados com pessoas surdocegas ou de baixa visão como Libras Tátil, Tadoma, Braille manual, escrita ampliada, escrita na palma da mão e outros que dependerão do sujeito com o qual queremos nos comunicar. Com o aluno foco do nosso trabalho, utilizamos a Libras Tátil em sala de aula para que ele pudesse acompanhar as seis disciplinas³⁶ que são ministradas para uma turma com alunos ouvintes e surdos.

Apesar de o aluno ainda possuir uma baixa visão, em sala de aula ele necessita que façamos a língua de sinais em suas mãos para apreender o conteúdo passado, o que acontece em sala de aula e as atitudes dos alunos e dos professores. No espaço acadêmico somos seus olhos e seus ouvidos a todo o momento.

³⁶ A composição das turmas no curso de Pedagogia iniciou em 2006 como Normal Superior, em função do parecer de 4 de abril de 2006 que mudou a nomenclatura do curso.

SUPERAÇÃO DE LIMITES

A superação de limites nessa experiência se mostrou como algo constante. Seu início para nós se deu quando o aluno prestou vestibular no INES. Nesse momento, ele já chamou a atenção por sua alegria e vontade de estudar no instituto. Comunicamo-nos com ele somente para indicar onde seria o local da prova e onde poderia sentar-se. Ao interpretar a prova, que ocorreu no auditório da instituição, percebi o esforço imenso que aquele rapaz fazia ao receber seu material devidamente ampliado (como foi solicitado no ato de sua inscrição) com o apoio total de uma colega intérprete que já apresentava certa experiência com uma amiga de Minas Gerais.

Ao terminar a prova, levei o rapaz ao encontro da mãe, que o aguardava na entrada no INES e agradeceu imensamente a oportunidade de poder participar daquele processo de seleção; a mãe do aluno também demonstrou certa ansiedade para que desse tudo certo.

Aprovado com notas altas e bem classificado entre os alunos surdos, não poderíamos perder a oportunidade de nos esforçarmos para desenvolver um excelente trabalho com aquele brilhante aluno!

A partir de então foram muitos momentos em que percebemos a superação dos próprios limites em relação ao outro e em relação às dificuldades que encontramos diariamente, como, por exemplo, uma matéria mais complexa e conceitos e sinais da língua que o aluno ainda não havia conhecido. Foram diversas as combinações que tivemos de fazer em muitos momentos e que ficavam cada dia menos “pesadas”,

pois ele foi organizando ideias e pensamentos em relação ao conteúdo que estava sendo passado.

Fomos percebendo que, conforme afirma Maia (2002 apud FREITAS, 2012) “não há limites para o ser humano e o surdocego mostrar que a comunicação pode ser simples, bastando ter tempo, perseverança e compreensão do outro”.

CURSO SOBRE SURDOCEGUEIRA

O rapaz com baixa visão que prestou vestibular e passou seria aluno do nosso curso! Que surpresa agradável! Sua presença em sala de aula despertou interesse na equipe. Apesar da formação especializada para o trabalho com surdos percebi a necessidade de ampliar o conhecimento. Decidi fazer o curso sobre surdocegueira que é ministrado pela professora Márcia Noronha no Instituto Benjamin Constant (IBC).

O curso foi de extrema importância para que eu pudesse conhecer e desvendar o universo, até então novo, da surdocegueira e descobrir que existem muitos outros cursos pelo Brasil e pelo mundo. Foi muito importante conhecer o tema de forma sistemática sobre o tema, e Helen Keller, de quem eu já havia ouvido falar, já tinha visto o filme e muito me tocava seu desenvolvimento, independentemente de sua surdocegueira.

ATUAÇÃO EM SALA DE AULA

Interessei-me pelo trabalho com surdocegueira e pedi mudança de horário (antes trabalhava no período tarde/noite) para atuar como guia-intérprete do novo aluno com Amaury Messias, o qual já tido um contato muito grande pois em na infância, quando conviveu com os amigos surdocegos de seus pais surdos e também havia atuado como guia-intérprete em outras ocasiões.

Trabalhávamos em dupla enquanto outras duas intérpretes (Karina Souza e Suliandra Gonçalves) atuavam na turma com os alunos surdos e ouvintes (não surdos) no primeiro período, e tínhamos de nos adaptar a diversas mudanças.

Transformamos algumas dinâmicas já estabelecidas na interpretação em sala de aula com alunos surdos. Uma das alterações foi relacionada a tempo de troca na interpretação. Quando estamos interpretando para uma turma sem surdocego, geralmente fazemos trocas regulares entre 20 ou 30 minutos, porém, dependendo da disciplina, fazíamos trocas em 10 a 15 minutos. Essa alteração se fez necessária porque ficávamos sentados utilizando uma mesa contínua a do professor e que serve mais para o aluno apoiar os cotovelos.

Essa e outras alterações tiveram como base o que aprendi no curso e sugestões do colega ou mesmo do aluno, pois é o sujeito principal dentro do ensino. Apesar de todo esforço, temos a sensação de que em alguns momentos não conseguíamos respeitar as limitações do educando. Segundo Petroni (2010 apud LOURENÇO, 2012) “o guia-intérprete deve respeitar as dimensões afetiva, intelectual e a von-

tade da pessoa com surdocegueira”. Mas nem sempre a vontade do outro é percebida ou mesmo possível em função do caminho a ser percorrido dentro da sala de aula, pois os professores têm um ritmo de trabalho, os alunos têm outro e o aluno surdocego tem o próprio momento de compreensão e apreensão dos conteúdos ministrados pelos professores.

O tempo da interpretação também é diferente, pois temos de percorrer caminhos, estratégias e até adaptações sobre o que está sendo dito e explicado pelos professores, sem perder o sentido e o contexto. Uma alternativa que sugerimos aos professores foi que enviassem o material da aula, principalmente a apresentação, com antecedência para a equipe de intérpretes.

Como é uma experiência pioneira no Ensino Superior do INES, tudo é feito como tentativa de acertar, mas sempre com pesquisas e estudos nas áreas de interpretação e surdocegueira. Contamos com o apoio da professora Marcia Gomes, estudiosa do campo, que vem nos orientando nas questões de como agir e pensar nas melhores estratégias.

A TURMA TAMBÉM FAZ A DIFERENÇA

A turma também é muito “parceira” e sempre se dispõe a ajudar. Quando querem fazer alguma pergunta, definimos que o aluno deve levantar a mão, dizer seu nome e seu sinal para que possamos passar para o aluno com baixa visão e, assim, ele possa identificar qual colega está dando seu relato.

Logo nos primeiros dias, pedimos à turma, na verdade um pedido do próprio aluno, que cada um pudesse vir ao seu encontro e, através da Libras Tátil, dizer seu nome e seu sinal. Nos intervalos, alguns procuram se comunicar e trocar informações pertinentes as aulas ou conversas informais uns com os outros.

Assim, nos momentos em que a turma participa, fazemos a identificação da pessoa que está dizendo ou sinalizando algo e também quando o professor apresenta a matéria, afinal, como já foi exposto, somos os olhos e os ouvidos do aluno surdocego.

Dominar uma língua, sistemas de comunicação, técnicas de locomoção não pressupõe que a pessoa tenha habilidades suficientes para desempenhar o papel de guia-intérprete. É necessário que ela tenha habilidades adicionais que possibilite amalgamar e utilizar seus conhecimentos simultaneamente, adequando as variáveis para interpretar, descrever e orientar a pessoa surdocega (CARILLO, 2008).

Os professores também propõem trabalhos em grupo dentro da sala de aula, o que facilita a interação e integração do aluno no ambiente e a troca de informações. No início, nós, intérpretes, fazíamos a tradução, mas com o tempo mostramos à turma como eles mesmos podem se comunicar com o colega, já que no futuro poderão atuar como professores de alunos surdos e também surdocegos. Trata-se de uma experiência única e importante, que faz parte do processo de ensino-aprendizagem. Na Figura 1 uma das alunas está desenvolvendo atividade com o colega com baixa visão.



Figura 1: Atividade conjunta no Laboratório de Informática entre aluna surda e aluno surdo com baixa visão

GUIAS-INTÉRPRETES, QUANTOS?

Conforme visto anteriormente, ao longo das aulas fomos percebendo a necessidade de mais uma pessoa para atuar como guia-intérprete no contexto de sala e de acordo com as disciplinas que foram apresentadas ao aluno, pois algumas são mais teóricas, outras mais filosóficas. Em alguns momentos, devido ao desgaste corporal e mental, somos exigidos ao máximo, e começamos a nos preocupar com alguma perda de conteúdo ou informação que o aluno poderia ter.

Nosso contato corporal é direto em função da língua gestual que usamos. Existem alguns sinais que para serem efetuados há necessidade de trazermos o aluno para bem perto de nosso tronco ou de nossa face, o que requer técnica e combinações que devemos fazer entre nós, guias e o educando, para que o aluno perceba qual mensagem quere-

mos e precisamos passar naquele momento. A Figura 2 apresenta a proximidade entre intérprete-guia e aluno com baixa visão.

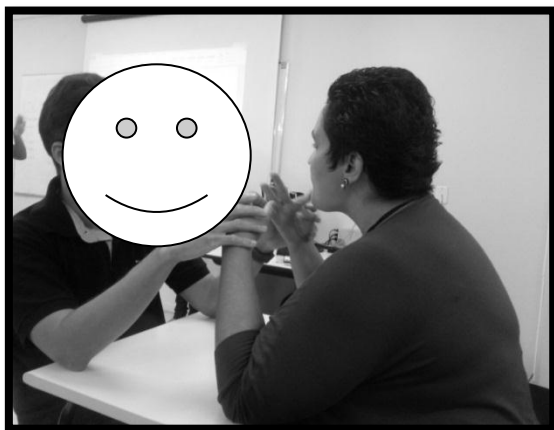


Figura 2: Proximidade intérprete-guia e aluno

PESQUISA E BUSCA PELO MATERIAL

Além da preocupação com as técnicas de interpretação diferenciadas, percebemos a necessidade de um material de apoio para pessoas com baixa visão. A lista vai desde lupa ampliada, caneta de ponta porosa, caderno com pauta dupla, livros e textos em Braille (no caso do aluno em questão já possuir domínio dessa leitura), tela LCD 42” e outros materiais que já foram solicitados à coordenação do curso. Como estamos em uma instituição pública federal, dependemos de licitações mais demoradas para a compra de alguns desses materiais, então lançamos mão de alternativas para aquisição de cadernos e televisões maiores, por exemplo.

Como também já citado, esse é o primeiro aluno surdocego/baixa visão no DESU, então não contávamos com a aquisição desses materiais com antecedência, pois precisávamos avaliar a evolução da sua condição visual.

Também buscamos desenvolver a parceria IBC-INES, que em breve será formalizada, por meio de reuniões e conversas informais entre os funcionários das duas instituições imperiais e seculares ligadas diretamente ao MEC e será realizado em breve uma formalização desta.

Visando à melhoria das atividades relacionadas à sala de aula, organizamos duas reuniões, uma no início do período e outra no fim entre guias-intérpretes, intérpretes e professores que atuavam com a turma para buscar uma maior sintonia entre as atividades de cada profissional envolvido no desafio de trabalhar com essa especificidade.

Para estudar em casa, o aluno apresentou um caderno de pauta dupla para que nós, guias, fizéssemos anotações com caneta preta de ponta porosa em letra grande de pontos. As anotações diziam respeito às dificuldades que observamos no entendimento de alguns pontos principais da matéria ou de pontos solicitados pelo próprio aluno, ou até mesmo sobre o que o professor escreve no quadro e nós, intérpretes, copiamos para o caderno dele.

Também comecei a realizar algumas anotações em um caderno particular que podemos chamar de “Diário de bordo” (nome sugerido pela colega Laura Jane Belém), no qual realizo um registro diário sobre o desenvolvimento do aluno, suas reações em sala de aula, como os professores estão conduzindo o trabalho e como, juntos, podemos melhorar e ajustar algo que não esteja de acordo com o processo de

aprendizado do aluno. Na Figura 3 aparece o caderno de anotações e a lupa.



Figura 3: Alguns dos materiais de uso do aluno com baixa visão

QUESTIONAMENTOS

Ao longo do processo de trabalho de aprendizagem e de parceria, começaram os questionamentos internos em relação a tudo o que estávamos realizando com o educando.

- Será que nossa posição física em sala de aula é realmente eficaz para nossa atuação e para a compreensão de tudo que o aluno necessita em sua vida acadêmica?
- A atividade que realizamos é a de guia-intérprete ou de intérpretes de sala de aula?
- Há algum curso de formação no Rio de Janeiro para que possamos nos especializar e nos certificar?

- Devemos seguir o nosso tempo da interpretação, o tempo que o aluno tem de compreender o que está ocorrendo ou seguir os intérpretes que atuam em sala de aula?
- Devemos pedir que colegas surdos intérpretes, também concursados, venham exercer essa função?
- Nós, intérpretes, devemos interromper o professor e fazer uma pergunta sugerida pelo aluno surdocego?
- Será necessário um projeto de monitoria com os alunos dos períodos avançados para que também possam passar por essa experiência?
- A tutoria deverá ser oferecida diretamente pelo professor sem auxílio de um intérprete? O intérprete deverá ser o profissional que atua em sala de aula com o aluno?

CONCLUSÃO OU INÍCIO DE UMA NOVA ERA

As respostas a essas e a outras questões são urgentes e necessárias, bem como é fundamental a capacitação para os profissionais que atuam com o aluno surdocego, desde o funcionário que trabalha na entrada da instituição até o diretor-geral, pois é um novo tempo, uma nova era, a entrada de uma deficiência (ou seria diferença) no Ensino Superior do INES.

Uma quebra de paradigmas em relação à surdez, outro olhar sobre a diferença da diferença, a surdocegueira se coloca como obstáculo para muitos e conquistas para outros. Apesar de parecer uma limitação ou impedimento toda a dificuldade imposta pela perda da audição e a “deficiência” visual que possa parecer uma limitação ou impedimento,

para o aluno trata-se de luta, uma armadura para poder sobreviver às dificuldades que enfrenta diariamente do caminho de sua casa até a faculdade, diariamente e sempre com sorriso nos lábios e esperança no coração.

Que possamos cada dia mais buscar as respostas e as lutas com a mesma armadura para um desenvolvimento da educação de surdos, e agora também dos surdocegos, em nosso país, que precisam ser VISTOS E OUVIDOS cada dia mais.